

RESENHA CRÍTICA

JANTSCH, Ari Paulo, BIANCHETTI, Lucídio (Org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 2008, 204 p. Obra coletiva com textos dos organizadores e de Gaudêncio Frigotto, Norberto J. Etges, Fritz Waliner, Roberto Follali e Antônio Joaquim Severino. Apresentação de Valdemar Sguissardi. ISBN 978-85-326-1536-7

Renato Araújo TEIXEIRA¹



A obra “*Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*” é uma coletânea de diversos autores renomados nos estudos filosóficos e epistemológicos voltados para educação e interdisciplinaridade. É um livro escrito por várias mãos e organizado por JANTSCH, Ari Paulo, BIANCHETTI, Lucídio.

O livro foi dividido em nove artigos interdependentes, no qual deu um caráter integrador a obra, com uma preocupação nos primeiros subtítulos em problematizar a interdisciplinaridade antes de conceituá-la. O enredo do livro foi evoluindo para a relação intrínseca

entre a fragmentação do conhecimento e constituição das especialidades das disciplinas e da ciência. Em linhas gerais, o livro dialoga sobre:

No artigo 1 intitulado “Interdisciplinaridade—para além da filosofia do sujeito” (págs.11-24) escrito por Ari Paulo Jantsch e Lucídio Bianchetti procuram superar o caráter a-histórico da filosofia do sujeito, bem como, desconstruir a relação homogeneizante e reducionista entre fragmentação do conhecimento e a fragmentação do sujeito.

No artigo 2 nomeado de “A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais” (págs.25-50) de Gaudêncio Frigotto vem proporcionar um alento

¹ Prof. Dr. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás—Campus Inhumas, Goiás. Doutor em Geografia pela UFG. Líder do Núcleo de Pesquisas e Estudos Interdisciplinares, IFG (NEPEINTER). E-mail: renatoaraujoufg@yahoo.com.br

dialético na delimitação do objeto científico, até porque a interdisciplinaridade deve ser encarada como desafio no qual encontra-se seus limites.

No artigo 3 intitulado como “Ciência, interdisciplinaridade e educação” de Noberto J. Etges (págs.51-84) fala da necessidade da congruência entre as disciplinas a fim de entender a totalidade, aliás, o autor deixa explícito, a necessidade em manter a diferenciação entre os saberes proporcionando a cooperação e limites para cada pesquisador e ciência.

No artigo 4 batizado de “ Sete princípios da interdisciplinaridade no realismo construtivista” (págs.85-96) de Fritz Wallner tenta expor a necessidade em realizar projetos de redes e contradições, pois estas redes possibilita aos grupos de pesquisadores refletir sobre si mesmos, especialmente no que tange aos seus objetivos, no que caracteriza ao sentido do trabalho científico e institucional.

No artigo 5 intitulado “Algumas considerações práticas sobre a interdisciplinaridade” (págs.97-126) e, também, no artigo 6 intitulado “ Interdisciplina e dialética: sobre um mal-entendido (págs.127-158) ambos de Roberto Follari procurou descortinar a origem política-econômica da interdisciplinaridade utilizando a prática como exemplo norteador, além de resgatar a discussão do movimento da totalidade social. Seu texto deixa evidente que a interdisciplina suscita mais perguntas do que respostas, e isto não em virtude de suas infinitas possibilidades, mas sim por causa da dificuldade de estabelecer seus limites (FOLLARI, pg.109). Esse artigos apresentaram boas reflexões, principalmente quando Follari (2008, pg. 138) esclarece que uma discussão prévia suficientemente prolongada evitará os erros dos que acham que o interdisciplinar é que todos façam de tudo, ou um o papel do outro. Cada detentor de uma profissão deve colocar-se em sintonia com outros saberes, mas não pode extinguir sua própria especificidade.

No artigo 7 nomeado “Uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar” (págs.159-176) do Antônio Joaquim Severino destoa um pouco das demais discussões porque coloca na roda de debate a distribuição desigual do poder na educação. A fragmentação da prática escolar só poderá ser superada via projeto educacional, ou seja, um conjunto articulado de propostas e planos de ação em função de finalidades baseadas em valores previamente explicitados e assumidos. Uma espécie de intencionalidade ou força norteadora da organização e do funcionamento da escola provindo dos objetivos preestabelecidos na formação do cidadão (SEVERINO, 2008, pg.170).

No artigo 8 intitulado “ Imanência, História e Interdisciplinaridade” (págs.177-194) e, também, no artigo 9 intitulado “Universidade e Interdisciplinaridade escrito por Ari Paulo Jantsch e Lucídio Bianchetti procuraram abordar a importância da contextualização histórica do saber a fim de caracterizar a contingencialidade e diferenciação, ou seja, afirmaram que o processo de fragmentação do conhecimento e do trabalho se impôs historicamente. Nas discussões houve a preocupação com a “ditadura epistemológica”, ou seja, num projeto pode ocorrer casos que uma dada disciplina/área terá maior destaque. Na obra os organizadores abrem as discussões e fecham, por isso, faz-se necessário abrir um parêntese sobre vida e obra dos mesmos.

O professor Ari Paulo Jantsch fez Graduação em Filosofia, tendo mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seu doutorado foi feito em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e o pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Era professor "Associado" da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenava o GT Filosofia da Educação da ANPEd. Teve experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia, conceitos e categorias, trabalho e educação, filosofia da educação, pequeno agricultor e MST, educação/formação científico-tecnológica. (*in memoriam*).

O pesquisador e professor Lucídio Bianchetti possui graduação em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fez pós-doutorado na Universidade do Porto, Portugal. Atualmente é professor associado no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Trabalho e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Pós-graduação; Formação de Pesquisadores; Trabalho, Tecnologia e Qualificação Profissional.

Desse modo, os organizadores do livro mencionado tiveram uma preocupação em inserir a interdisciplinaridade como um desafio a ser descortinado, até porque muito se fala sobre o assunto, mas pouco se aprofunda no conceito e na práxis. Essa obra veio para proporcionar um alento para aqueles que iniciam na difícil estrada da prática interdisciplinar,

além do esforço nos aspectos teóricos metodológicos de uma dada pesquisa. Por isso, a obra teve a ousadia em unir além dos organizadores, grandes nomes da filosofia, da educação e da epistemologia tais como: Gaudêncio Frigotto, Norberto J. Etges, Fritz Wallner, Roberto Follali e Antônio Joaquim Severino.

Vale lembrar que, Gaudêncio Frigotto (2008, pg. 31) afirma que a interdisciplinaridade se apresenta como um problema pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e, de outro lado, pela complexidade desta realidade e seu caráter histórico. Enfim, a realidade posta mostra-se cindida e fragmentária e análises teóricas apresentam-se homogeneizantes e descompassadas.

Essa obra vai aos poucos pontuando e refletindo sobre a interdisciplinaridade, não enquanto um conceito pronto e acabado, mas sim, como um conceito em lapidação, até porque, os aspectos epistemológicos ainda estão amalgamando-se. É uma discussão recente que vislumbra um maior cuidado nas análises, visto que não percebemos um objeto próprio de fácil de entendimento. Essa falta de um objeto claro e método próprio podem afastar muitos estudiosos precipitados da interdisciplinaridade, porque o caminho é, sem dúvida, muito arduo.

Essa reflexão vai ao encontro de Norberto J. Etges (2008, pg. 73) quando esclarece que a interdisciplinaridade não poderá jamais consistir em reduzir as ciências a um denominador comum, que sempre acaba destruindo a especificidade de cada uma, pelo contrário, deverá ser um mediador que possibilita a compreensão da ciência, além de formas de cooperação a um nível bem mais crítico e criativo entre os cientistas.

O ponto alto das discussões desta obra foi a tentativa em analisar a interdisciplinaridade enquanto congruências de saberes mediados pelos aspectos epistemológicos de cada ciência. O problema em amarrar a interdisciplinaridade na educação está no fato que muitos pesquisadores e professores serem resistentes em aprender com o “outro” ou com outra ciência, ou seja, há um descompasso, pois alguns sujeitos querem impor sua disciplina como um saber dominante no meio acadêmico e escolar, enveredando para relações de poder.

O conceito de congruência e cooperação parece-me mais coerente, pois coloca uma possibilidade de abertura crítico-reflexivo entre os cientistas, havendo trocas de experiências e

diálogos entre as diversas ciências, fazendo com que haja diálogo de métodos, metodologias sem que cada disciplina perca sua *episteme* ou sua especificidade.

A comunicação entre os cientistas faz-se necessário porque no diálogo com outros saberes, impulsiona a compreensão da “especificidade disciplinar”, bem como, aponta seus limites. A interdisciplinaridade não vislumbra a negação dos princípios epistemológicos, pelo contrário, busca novos horizontes para o entendimento da realidade posta que a cada dia mostra-se mais fragmentada e dispersada.

A interdisciplinaridade não é modismo da globalização, é um enfrentamento do momento atual que exige dos cientistas e professores conexões e diálogos mais complexos, no entendimento da totalidade. Contudo, não se procura a volta do enciclopedismo ou da doutrina das especializações, mas sim, o meio termo entre o singular e plural. Roberto A. Follari (2008, pg. 138) caracteriza que cada detentor de uma profissão deve restringir-se a trazê-la a debate e estar aberto para colocar-se em sintonia com outros saberes, mas não pode extinguir sua própria especificidade, como já foi citado.

Os organizadores da obra finalizam o livro afirmando que a divisão ou a fragmentação da ciência não é propriamente uma “cria” do capitalismo como muitos teóricos dão a entender ou até mesmo afirmam categoricamente (JANTSCH & BIANCHETTI, pg. 187, 2008). Até porque nem o sujeito e nem o objeto são autônomos. As possibilidades de avanço em direção à compreensão da interdisciplinaridade hoje residem muito mais na compreensão da relação entre sujeito e o objeto, na construção do conhecimento, do que em qualquer polaridade, unilateralidade ou exclusão.

O livro é longo com pouco mais de 200 páginas dividido em 09 artigos interdependentes, dos quais a primeira parte se atém para a problematização do que venha ser interdisciplinaridade com seus obstáculos e limites; na segunda parte discutiram-se os possíveis conceitos e sua aplicabilidade no ensino e produção científica; no fim ele deixa uma sugestão de caminho na forma em estudar e fazer pesquisa interdisciplinar.

Pela proposta do livro foi possível os autores aprofundarem nas questões teóricas importantes como interdisciplinaridade, epistemologia, educação, transdisciplinaridade, questão metodológica, relação sujeito e objeto, fragmentação, capitalismo, totalidade, ciência. Portanto, ao ler o livro percebe-se que as discussões estão apenas começando, sendo um

caminho longo e arduo no entendimento da interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito.

Recomenda-se a leitura desta obra Filosofia da Ciência para aqueles que buscam entender a interdisciplinaridade na educação, apesar de que este não foi o objetivo primaz da obra. É um livro longo no qual não teve como esmiuçar os teóricos e discussões filosóficas, por isso, do seu aspecto didático. Essa leitura é imprescindível para estudantes de graduação e pós-graduação que vislumbram aprofundar nos estudos interdisciplinares e epistemológicos. Os autores preocuparam-se com uso adequado da língua portuguesa ousando utilizar vernáculos arrojados, além um excelente encadeamento de temas e parágrafos deixando a leitura agradável e rica.

Contudo, é uma obra muito densa e complexa, por causa, de ser um assunto que muito se fala, mas pouco se teoriza no meio acadêmico-escolar. Até porque, apresenta uma linguagem que exige uma capacidade de entendimento filosófico aproximando mais das ciências sociais. Portanto, para leitores iniciantes deverão ter um pouco de dificuldade e paciência por se tratar de uma obra que procura desconstruir conceitos, bem como, os limites da interdisciplinaridade. É uma obra que deverá ser lida mais de uma vez, pelo seu grau de exigência teórico-metodológico no entendimento dos conceitos.